



O BIFE E A PIPOCA, DE LYGIA BOJUNGA: OPÇÃO PELA EMANCIPAÇÃO DO LEITOR

SANTOS, Liliane Lenz dos¹
PINTO, Aroldo José Abreu²

Resumo - O presente artigo tem como objetivo mostrar situações de preenchimento dos vazios do texto, a partir da adoção do viés crítico da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss (2003). Assim, pretendemos expor as formas de como o texto conduz o leitor a preencher as lacunas presentes na obra, exigindo análise e reflexão por parte dele e proporcionando um enriquecimento pessoal. Para tanto, selecionamos o conto “O bife e a pipoca” que retrata a difícil realidade da vida na favela, em contraste com o mundo da luxuosidade e conforto das pessoas mais abastadas, levando, assim, aquele que entra em contato com a obra a refletir sobre sua própria realidade e o mundo que o cerca. O bife e a pipoca, nesse conto, representam bem mais que simples alimentos, representam a divisão de classes sociais e a realidade que as distancia.

Palavras-chave: Conto. Lygia Bojunga. Representação. Recepção.

INTRODUÇÃO

Segundo Antônio Cândido (1972), a literatura tem uma função definida na sociedade, que é tornar o homem mais humano, sendo assim a literatura tem também a função de divertir, fazer sonhar, libertar o mundo imaginário que existe dentro de cada ser. E, para isso, a literatura infantil e juvenil conta com vários autores que têm dedicado seu tempo e talento para proporcionar a essas crianças não só uma história simples ou de cunho didático ou utilitário, mas também histórias que as permitam pensar sobre a sua própria existência, ainda que sem perceber. Dentre vários autores, podemos destacar Lygia Bojunga Nunes. Suas obras são permeadas por fantasias, com a presença constante do maravilhoso e do realismo mágico, porém desvela um mundo em que os pequenos entram em contato com seus medos e angústias, podendo refletir sobre a sua visão da própria existência.

Zilberman (1985) destaca que surgiu uma nova visão da literatura voltada às crianças. Mesmo ainda havendo muitos autores que produzem somente com intuito pedagógico, há aqueles que se preocupam em instigar o leitor e questionar a tradição, procurando respostas adequadas às

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso/UNEMAT.

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP. Coordenador do Programa de Mestrado e Doutorado em Estudos Literários, UNEMAT – Campus Tangará da Serra



suas indagações, sendo obras que permitem ao leitor ampliar o seu horizonte de expectativas, causando estranhamento e surpresa, o que lhes garante uma leitura renovadora.

Mesmo diante da visão mercadológica e pedagógica vista na obra literária ainda hoje, algumas obras podem ser associadas a uma produção expressiva de textos em que a função lúdica está vinculada a um olhar questionador sobre pretensos valores da sociedade atual. Nesse sentido, vale dizer que Lygia Bojunga é uma autora comprometida com a literatura humanizadora, visto que permite ao indivíduo pensar além do que está escrito, levando seu leitor a refletir sobre o que lê e, principalmente, sobre o mundo ao seu redor.

O conto "O bife e a Pipoca", de Lygia Bojunga dialoga com seu leitor que se vê movido a questionar a si mesmo e a realidade que o envolve. Dessa maneira, a criança ou o jovem leitor emancipam-se, pois ao se identificar com uma das personagens e se sentir responsável e transformado pelas intrigantes questões que promovem a reflexão, podem ampliar seus horizontes de expectativas.

Bojunga se preocupa não só com sua obra, mas também com seus leitores e com a leitura propriamente dita, por isso construiu a Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, que tem o objetivo de promover atividades voltadas à leitura e dar suporte a projetos ligados ao livro. A Fundação tem alguns projetos fixos como o "Paiol de histórias", momento em que crianças e jovens de baixa renda participam de contação de histórias, rodas de leitura, dramatização, etc. Proporciona, ainda, "Mini Bibliotecas básicas" que contribui com livros considerados básicos para melhorar o acervo das instituições escolares e ainda oferece "bolsas de estudo" para os participantes que se destacam na Fundação. Atualmente, com 82 anos, mora no histórico bairro de Santa Tereza, na mesma cidade onde fica sua "Casa".

O estilo literário de Lygia Bojunga lhe é característico. Ela faz com que suas personagens cresçam e amadureçam no decorrer da trama; mistura o real e a fantasia de forma equilibrada, o que a diferencia de vários autores da literatura infantil e juvenil, título que a autora, em entrevista, afirmou não gostar por ser uma visão limitadora. Haja vista que muitos autores procuram criar obras mercadológicas, nem sempre humanizadoras, pois seus interesses estão nas vendas e não na emancipação do leitor.

Silva (2008, p.136) afirma que "se a obra da autora se classifica como *infantil* ou *juvenil* é difícil dizer. Porém, sem dúvida, ela é genuinamente *literatura*, sem adjetivos que a restrinjam".

O mesmo estudioso da autora destaca alguns temas que Bojunga costuma abordar de forma crítica e coerente: a crítica social, o consumismo exagerado e sem limites, o sistema escolar ineficaz, a alienação televisiva, preconceitos diversos e outros mais. Ela promove aquilo que



Lobato, na década de 1940, chamava de “libertação do imaginário”, pois trabalha a criatividade e a reflexão. A autora se utiliza da linguagem de forma simples, com o registro do coloquial, independentemente de ser fala indireta. O tom crítico está sempre presente em suas obras e isso proporciona uma reflexão por parte dos leitores sobre seus hábitos e valores da sociedade. Sua obra, até 1987, pode ser dividida em duas fases, a luminosa e a cinzenta.

Na fase luminosa, privilegia-se o lado mágico da vida. [...] Na fase cinzenta, ao contrário, prevalece o lado trágico, como se vê o abandono do lar da mãe de Rebeca [...]. O conjunto de símbolos utilizados na primeira fase aponta para aspectos construtivos, com predomínio de imagens ligadas à gestação e ao nascimento. É o predomínio de Eros, ao contrário da segunda fase, onde impera Tânatos, com imagens de teor destrutivo, desagregador e involutivo. (SILVA, 2008, p.153)

Ainda segundo Silva (2008), a fase luminosa de Lygia Bojunga se estende de 1972 até 1980, e faz parte dela os seguintes títulos: *Os colegas* (1972), *Angélica* (1975), *A bolsa amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978), *Corda bamba* (1979) e *O sofá estampado* (1980). A fase cinzenta teve início em 1983 com o livro *Sete cartas e dois sonhos*, (livro que dialoga com a obra da artista plástica Tomie Ohtake, sendo relançado em 1987 como *Meu amigo pintor*, depois continuou com *Tchau* (1984) e *Nós três* (1987)). Os demais livros publicados posteriormente foram: *Livro, um Encontro* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991), *Paisagem* (1992), *Seis Vezes Lucas* (1995), *O Abraço* (1995), *Feito à Mão* (1996), *A Cama* (1999), *O Rio e Eu* (1999), *Retratos de Carolina* (2002), *Aula de Inglês* (2006), *Sapato de Salto* (2006), *Dois vinte I* (2007) e *Querida* (2009).

As obras dessa autora são sempre carregadas de símbolos que proporcionam o amadurecimento do leitor no mesmo instante que isso ocorre com as personagens. Ela destaca espaços abertos como o mar, o cais, a praia, o porto, dando a sensação de aconchego, liberdade e segurança, como também se utiliza de espaços fechados como a mala, a bolsa, o ovo, o barco, a sala, a casa, e remete o leitor a uma imagem triste, melancólica, escura, acinzentada.

Lygia Bojunga destaca como protagonista a criança, pois a autora abraçou os ideais de valorização da infância, que ressurgiu na década de 1970 no Brasil. A criança até então vinha numa ascensão, outrora insignificante para a sociedade, agora tida como um ser especial e em desenvolvimento. Por isso que a centralidade do enredo no menor permitiu a construção de personagens que buscaram a conquista do espaço social, construindo uma identidade e a possibilidade da expressão dos seus sentimentos. Seus livros, publicados na década de 1970, valorizaram a proposta daquele momento literário que consistia em “uma proposta aderente a

todos os níveis de realidade, graças ao fluxo do monólogo, da gíria, da abolição das diferenças entre o falado e o escrito [...] que acerta o passo com o pensamento” (CANDIDO, 1989, p. 211).

A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

A Estética da Recepção surgiu a partir das considerações teóricas feitas por Hans Robert Jauss (1921-1997), em 1967, numa aula inaugural na Universidade de Constança, na Alemanha. Nessa aula, ele situou toda a história universal da literatura e sua desvalorização.

Jauss denunciou a calcificação da história da literatura, que estava presa a padrões herdados do positivismo e do idealismo do século XX, não permitindo que esta desenvolvesse o ser humano de forma completa, como tinha capacidade para fazê-lo e somente através da superação desse estilo de ensino é que seria possível surgir uma nova teoria literária, fundada no “inesgotável reconhecimento da historicidade” (apud ZILBERMAN, 2004, p. 9) da arte. Para Jauss, esta era um elemento fundamental para a compreensão da vida social.

As teorias anteriores se preocupavam com as obras e seus autores, deixando à margem um terceiro elemento que dá vida à trama literária, o leitor, porém a Estética da Recepção muda o foco, como afirma Zilberman (2004, p. 10-11):

a estética da recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda o foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor, o “Terceiro Estado”, conforme Jauss o designa, seguidamente marginalizado, porém não menos importante, já que é condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social.

O estudo da recepção mudou o foco porque colocou o leitor como coprodutor do texto, pois ao ler, ao receber o texto, pode dar significado a ele, mostrando que ler não é somente decodificar palavras, mas construir sentidos. A partir do contato com a obra esse leitor pode preencher as lacunas que o autor deixa, sendo levado a sonhar, descobrir, inventar e principalmente refletir sobre sua atual condição enquanto ser humano. Lima (2001, p. 134) afirma que:

Em Jauss, a recepção é sempre o momento de um processo de recepção, que se inicia pelo “horizonte de expectativa” de um primeiro público e que, a partir daí, prossegue no movimento de uma “lógica hermenêutica de pergunta e resposta”, que relaciona a posição do primeiro receptor com os seguintes e assim resgata o potencial de significado da obra, na continuação do diálogo com ela.

Dessa maneira, o leitor passou a fazer parte intrínseca da análise do texto, pois este foi escrito para um receptor e a obra só passa a fazer sentido quando este receptor dá significado a ela.

A reflexão sobre a obra dentro da recepção feita pelo leitor contribui para o esclarecimento do fenômeno comunicativo que ocorre entre leitor, obra e autor, pois ao percorrer o texto o leitor se comunica com o autor trazendo antigos conhecimentos e aprimorando-os, assim vai se preparando para interagir com outros textos num processo espiral de construção de sentidos, e isso se dá pelo "prazer estético" e através de seus conhecimentos passa a preencher os vazios do texto.

O prazer estético é o prazer da escrita e da leitura, do deleite no uso dos sentidos, no descobrir o fato e sanar a curiosidade, como diz Lima (2001) é o prazer pelo belo, pelo gostoso, pelo sensível, pela satisfação dos cinco sentidos ou pelo prazer oposto, como a fascinação pelo grotesco, pela morte ou pelo simples fato da caça de uma lagartixa a uma mosca. A literatura permitiu o lado sensível da língua, "ela é capaz de afugentar o temor e de banir o sofrimento, de provocar alegria e de suscitar a compaixão" (LIMA, 2001, p. 66).

A obra passa a trazer prazer ao leitor, pois este começa a refletir sobre o seu próprio ambiente.

UMA LEITURA DE "O BIFE E A PIPOCA"

"O bife e a pipoca" é um conto pertencente ao livro *Tchau*, de Bojunga, e conta a história de dois garotos que vivem em mundos completamente diferentes, Rodrigo e Turíblio Carlos, o Tuca. Rodrigo tinha um amigo do peito que se chamava Guilherme, mas que fora embora do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul, com isso deixou um vazio no coração e na escola em que ambos estudavam. Tuca era um garoto pobre, que morava na favela e ganhou uma bolsa do governo para estudar na referida escola.

Tuca entrou na instituição escolar, mas não conversava muito, sentou-se exatamente no lugar que anteriormente era ocupado por Guilherme, ao lado de Rodrigo. Ele estava enfrentando muitas dificuldades na aprendizagem e Rodrigo resolveu ajudá-lo. Com o tempo, tornaram-se bons amigos e Tuca o convidou para comer pipoca em sua casa, no morro, e Rodrigo aceitou o convite, mas pediu para Tuca almoçar com ele em sua casa e depois subiriam juntos para degustar a pipoca feita pela irmã de Tuca.

No dia combinado o garoto da favela foi até o bairro nobre em que morava o amigo. Ficou encantado com tudo o que via, com o luxo do prédio, mas o que mais lhe encantou foi o bife que a



empregada uniformizada estava fazendo. O bife lhe fez viajar e lembrar do restaurante da esquina em que trabalhava lavando carro. Esse restaurante era especialista em bifés e todos os dias Tuca ficava em frente observando os pratos que os clientes comiam. Ele estava sonhando com o bife quando foi acordado por Rodrigo, que o convidou para sentar-se à mesa junto com seu pai e sua mãe.

O almoço foi servido e Tuca se deliciou com o prato de entrada, porém quando chegou o bife ele ficou estupefato, mas ao manusear os objetos desconhecidos (garfo e faca), atrapalhou-se e empurrou a comida do prato e o tão sonhado bife foi parar no tapete felpudo e clarinho que estava sob seus pés, o que causou grande transtorno.

Depois do episódio constrangedor, Tuca e Rodrigo foram ao morro, conforme combinado anteriormente, mas o garoto pobre já não estava tão certo se aquela amizade era verdadeira. Quando chegaram ao barraco de Tuca, não encontraram a pipoca prometida. Rodrigo observou a casa do amigo, apenas dois pequenos cômodos para doze pessoas, a mãe e onze filhos.

Rodrigo indagou sobre a pipoca e nesse momento Tuca teve uma fúria súbita, pois ele estava enxergando a sua própria pobreza e a triste realidade em comparação com a do outro. De maneira agressiva abriu uma porta que estava trancada e mostrou a miséria ainda mais de perto para o amigo. Mostrou um quartinho pequeno e imundo, com uma cama, vários colchões jogados, uma panela virada ao chão e pipoca espalhada por todo lado, e uma mulher bêbada, maltrapilha, deitada, sem conseguir falar ou se levantar.

Tuca esbravejou, gritou com o amigo, empurrando o menino rico para fora do barraco e o fez descer o morro aos berros. Em um determinado ponto empurrou Rodrigo, que caiu em uma poça de lama e lixo, se sujando todo e adquirindo o cheiro terrível do morro.

Na escola, ficaram um tempo sem se falar, até que um esbarrão os fez se desculparem e voltarem a conversar. Depois disso, combinaram de pescar, e assim retornaram a uma bela amizade.

"O bife e a pipoca" é um conto narrado em terceira pessoa, com exceção dos capítulos 1, 3, 8 e 10, que são cartas endereçadas a um amigo chamado Guilherme, que mora no Rio Grande do Sul. A primeira carta se mostra maior e rica em detalhes, pois Guilherme era o melhor amigo de Rodrigo, então este precisava desabafar sobre os novos acontecimentos da escola, já que não tinha mais ninguém para conversar. Bojunga introduz o assunto que dará vida à história: a desigualdade social. Na carta, Rodrigo fala da falta que o amigo Guilherme faz, conta de como sempre estiveram juntos e comenta sobre a escola estar dando "bolsa de estudo pra aluno pobre"



(BOJUNGA, 2014, p.47) e, assim, coloca Tuca dentro do foco do texto, pois conta que a escola o recebeu devido a bolsa e que ele morava na favela.

A segunda carta foi num espaço curto de tempo e também com menos escrita, isso é, o assunto entre eles estava diminuindo, mas Rodrigo falava das descobertas e da nova amizade que estava surgindo entre ele e Tuca e que este o ajudara a pensar no futuro, preparando o leitor para também refletir não só sobre o futuro, mas sobre o presente. A terceira carta ocorre cinco capítulos depois, isso é, Rodrigo já estava superando a ausência de Guilherme. Essa carta demonstra o amadurecimento do garoto de 10 anos, pois dialoga sobre questões como a desigualdade entre os mais favorecidos e as pessoas que viviam na favela. A personagem passa a se indagar por que uns tinham tanto e outros não tinham nada.

Já a última “carta” é, na verdade, um pequeno bilhete contando sobre uma conquista, o primeiro peixe fogado, mostrando que a amizade pode se construir entre pessoas de diferentes níveis sociais.

Em nenhum momento a história narra respostas do amigo Guilherme e a redação, cada vez mais curta, demonstra que Tuca acabou conquistando o lugar que Guilherme deixara vago no começo da história e a amizade ao final só aumenta.

A narrativa gira em torno do sentimento da desigualdade e preconceitos entre ricos e pobres, que podem se respeitar, porém dentro de um ambiente neutro, pois quando o garoto da favela vai ao apartamento luxuoso, se sente inferior, quando o garoto rico sobe o morro se sente enojado e triste com tudo o que vê, mas era na beira do rio, um local neutro, que não representava a realidade de nenhum deles, que se sentiam à vontade, iguais.

Os sentimentos vividos nesse conto demonstram a emancipação da obra, pois Bojunga procura mostrar a realidade daqueles garotos naquela situação, mas essa pode ser estendida a qualquer outra parte do país ou do mundo, de forma que qualquer leitor se identifique com a história e consiga viver as mesmas emoções que Rodrigo e Tuca viveram. Dessa maneira a autora permite que o terceiro elemento, isso é, o leitor, preencha os vazios que ela deixou, porque a história tem sentido dentro da realidade de cada um.

A linguagem do conto é simples, de fácil compreensão e demonstra também as diferenças entre esses dois mundos. Marcos Bagno, no seu livro “A língua de Eulália”(2000), mostra que cada região ou tribo tem seus costumes e maneira de falar e isso fica claro no linguajar do menino do morro e o menino do centro. Tuca usa gírias diferenciadas, possivelmente de acordo com o que vivencia no seu cotidiano. É possível verificar essas marcas linguísticas nos momentos em que Rodrigo estuda com ele, dando aulas “de reforço” sobre os assuntos que não conseguia

compreender na escola como, por exemplo: "— Puxa, cara, *saquei* tudo que você me ensinou; acho que você vai ser professor. [...] E o Tuca se animando: “Agora, sim, *tô sacando!* (BOJUNGA, 2014, p.52 – grifos nossos).

A história gira em torno dessas duas personagens, Rodrigo e Tuca. O primeiro é um garoto de 11 anos, filho único, cujos pais podiam proporcionar uma vida de luxo, tendo boa escola, boa residência e boa comida. O segundo, Tuca, é um garoto de 14 anos, que só estuda no colégio em questão porque ganha uma bolsa de estudos, vive num barraco de dois cômodos na favela. Sua mãe é alcoólatra e ele tem dez irmãos. Trabalha como lavador de carros no horário oposto à escola e é apaixonado pelos bifés do restaurante da esquina de seu trabalho, os quais nunca conseguiu comprar.

O conto contém quarenta páginas em seus dez curtos capítulos, levam os seguintes títulos: 1 – “Carta de amigo”, 2 – “Na sala de aula”, 3 – “Carta de amigo”, 4 – “Você gosta de pipoca?”, 5 – “O bife-lá-da-esquina”, 6 – “O almoço”, 7 – “A pipoca”, 8 – “Carta de amigo”, 9 – “Ô cara, me desculpa! Foi sem querer” e 10 – “Bilhete e PS de amigo”. Estes mostram o desenrolar da história, formando o enredo.

O primeiro momento, como dito anteriormente, apresenta toda a discussão sobre a desigualdade social, como também exhibe as personagens principais. Apresenta Rodrigo como um garoto querido, atencioso, rico e que sofre com a partida de seu melhor amigo, como também introduz Tuca, mostrando que é um menino pobre da favela que fará parte da nova realidade da escola. Através de uma narrativa indireta, o leitor é colocado dentro do ambiente a ser narrado e assim, diante de seus conhecimentos busca preencher os vazios do texto.

O título do segundo momento estabelece o ambiente onde ocorrerão os próximos acontecimentos: a sala de aula. É nesse ambiente que os meninos passam a se conhecer e a se respeitar. O narrador mostra como Tuca é tímido e também faminto, pois não controla seus olhares diante do lanche do colega. Nesse capítulo o narrador confirma ser Rodrigo um menino bom e prestativo.

O olho do Tuca foi indo pro sanduíche. Quando chegou lá, quem diz que ia embora?
O Rodrigo pegou o sanduíche e deu uma dentada e aí viu que o olho do Tuca tinha também mordido o pão.
A boca do Rodrigo foi mastigando.
O olho do Tuca mastigou junto.
A boca deu outra dentada; o olho mordeu também.
A boca foi parando de mastigar; o olho do Tuca foi ver o que tinha acontecido: deu de cara com o olho do Rodrigo: se assustou: voltou correndo pro caderno.
De repente o Rodrigo fez um ar meio distraído e estendeu o sanduíche:
— Quer? (BOJUNGA, 2014, p.49-50)



O jogo de palavras entre olho e boca faz com que o leitor se prenda à cena e vivencie cada segundo, torcendo para o que pode acontecer e percebe ao final que Rodrigo de fato se preocupa com o bem estar do novo aluno.

O terceiro momento foi uma nova carta enviada a Guilherme, nesta Rodrigo recorda sobre alguns assuntos que conversavam e diz ter descoberto o que queria para o futuro: ser professor. Bojunga homenageia de forma simples a profissão docente.

Ao falar para o amigo sobre a profissão que escolhera ser no futuro, coloca a palavra “professor” de cabeça para baixo. Isso demonstra a inocência e infantilidade do menino que já pensa no futuro e reflete sobre o presente.

O capítulo 4, "Você gosta de pipoca?" foi uma pergunta feita a Rodrigo, por Tuca. Rodrigo estava ajudando o outro não só a aprender, mas a se sentir parte daquele novo ambiente, “escola de rico” como dizia e tudo que poderia oferecer era a pipoca.

A pipoca é um alimento simples, barato e de fácil acesso, consumida geralmente em momentos de alegria, lazer, reunião de amigos, momentos passageiros e inconsistentes. Sua cor pode demonstrar a ausência de nutrientes e talvez por isso não sacie a fome. Representa o garoto Tuca, que era simples e no momento de pressão “estourou” e acabou agindo de forma inusitada e agressiva. Da mesma forma, podendo representar a parte pobre do nosso país: pessoas sofridas, que vivem sob pressão e têm muito pouco a oferecer, por isso acabam se utilizando do que de pior a vida tem, vivendo pequenos momentos de euforia e logo depois a cruel realidade.

É nesse contexto que Tuca constata a sua pobreza, pois conhece um pouco do outro lado da sociedade e se encanta com tudo o que vê no mundo de Rodrigo, o porteiro, o tapete, os espelhos, a empregada abrindo a porta, a geladeira repleta, suco de laranja, o tamanho do apartamento, quarto para uma só pessoa, enfim tudo é completamente diferente do que vive e acima de tudo o que mais lhe chama a atenção é o “bife”. Esses elementos demonstram a opulência do local, a vida farta de uma pequena parcela da sociedade do nosso país.

O capítulo cinco “O bife-lá-da-esquina” mostra as duas realidades, tão distantes e tão próximas ao mesmo tempo. Bife-lá-da-esquina está escrito tudo junto porque representa a aproximação desses dois mundos, ainda que os mais favorecidos, muitas vezes, fazem questão de não enxergar tal realidade.

Nesse momento, o narrador conta um pouco da triste realidade de Tuca, como é explorado pelos mais velhos e como a fome faz parte constante da sua existência. Ele trabalha como lavador de carro no contraturno da escola, mas não é numa empresa organizada, mas sim o faxineiro de um prédio, que faz bicos lavando os carros dos moradores, porém é o garoto quem lava e cuida do



local, pois quando chega para iniciar o trabalho, o seu “patrão” segue para o bar e o deixa sozinho com todos os afazeres. Essa situação mostra de maneira sucinta a realidade de muitas crianças brasileiras, que são exploradas por pessoas, que muitas vezes poderiam ajudá-las e protegê-las.

Na esquina desse “local de trabalho” há um restaurante especializado em bifês, o qual Tuca conhecia cada detalhe, por fora, pois sonhava com o dia em que pudesse se deliciar com um pedaço daquele alimento.

Da mesma forma Lygia Bojunga utiliza-se do alimento para mostrar as diferentes classes sociais, enquanto a pipoca representa o pobre, o bife representa a classe mais abastada. O bife é um alimento consistente, caro, desejado e pertencente à mesa da família. A carne é um dos produtos que gira a economia do país, como também é fundamental para o ser humano de maneira individualizada, pois é fonte de ferro e zinco e contribui significativamente na absorção de selênio e cobre, isso é, o bife representa nessa narrativa a força, virilidade, economia e riqueza de uma parcela da sociedade. Parcela essa desejada, sonhada por aqueles que não veem nenhuma possibilidade de adquiri-la.

O capítulo seis narra somente o episódio do almoço em que Tuca, pela primeira vez, sente a possibilidade de realizar seu desejo, comer o bife, isso é, se sentir um ser humano digno, porém isso não foi possível. O capítulo expõe o desconforto da mãe de Rodrigo diante do garoto da favela, mostrando o preconceito e os estereótipos firmados na sociedade.

A família estava reunida para o almoço, o ambiente era luxuoso, como já dito, sob a mesa e cadeira repousava um belíssimo tapete clarinho e felpudo. Esse tapete também demonstra o poder aquisitivo daquela família. Durante o almoço, Tuca, que não estava habituado com talheres, fez com que o bife escorregasse exatamente para cima daquele tapete. Viu seu sonho desmoronar e cair em algo que parecia ser mais importante do que ele próprio. Todos correram para acudir o tal tapete, para não manchar e não engordurar, mas ninguém se preocupou em socorrer um ser humano que estava gritando silenciosamente por ajuda.

Nesse momento da narrativa o leitor se encontra completamente envolvido pelos sentimentos suscitados pela história e passa a se sentir parte dela, sendo assim emancipado. Os sentimentos de temor, desprezo, medo e outros mais saem do texto e passam a envolver o leitor e é dessa forma que este compreende a importância da literatura, pois é uma das formas mais eficazes de envolver o ser e fazer com que esse pense, nesse caso, sobre as pessoas que desprezou e aquelas por quem foi desprezado.

Diante da situação, Tuca se sente o mais inferior de todas as criaturas, pois até aquele simples objeto merecia mais atenção e respeito que ele próprio, um ser humano. Se sentiu



frustrado, triste e menosprezado e foi com esse sentimento que voltou à sua realidade, levando consigo o amigo, que não o defendera de tal situação, talvez que nem percebera o sofrimento vivido por ele.

Bojunga, nesse capítulo, permite uma reflexão sobre o consumismo exacerbado, em que as pessoas mais abastadas gastam muito dinheiro com roupas, sapatos, móveis ou até mesmo com animais domésticos, mas não se sensibilizam com pessoas que não têm o que comer, que sentiriam felizes com um simples pedaço de pão.

O capítulo sete vem reiterar o significado de “pipoca”, mostrando na íntegra a susceptibilidade daquele ambiente. A favela foi apresentada de maneira clara e transparente por Lygia Bojunga, um lugar sujo, fétido e nenhum pouco bonito.

Rodrigo ia olhando cada barraco, cada criança, cada bicho, vira-lata, porco, rato, olhando tudo o que passava: bonito? estrela? Cadê?
[...]
E aquele cheiro de lata de lixo? Não ia passar não?
E toca querer assobiar pra disfarçar o susto de ver tanta gente assim vivendo tão feito bicho. (BOJUNGA, 2014, p.71)

Nesse momento os dois mundos estavam postos, apresentados para que o leitor os observe e sinta o cheiro do talco dos ricos e o lixo dos pobres e, assim, passe a refletir sobre a sua própria realidade, pois, independente do lugar onde se vive, essas duas realidades são constantes.

A “casa” de Tuca evidencia a realidade de grande parte dos moradores do Rio de Janeiro e pode ser estendido para várias outras cidades do país, uma casa minúscula onde vivem muitas pessoas. O barraco apresentado a Rodrigo tinha uma porta fechada, o ambiente que se via era ruim, mas quando a tal porta foi aberta, a miséria foi escancarada e nesse momento Bojunga apresenta ao seu leitor não só as diferenças sociais, mas também o problema do alcoolismo e como ele pode piorar a situação de qualquer pessoa. A mãe de Tuca estava jogada numa cama, sem ao menos conseguir se levantar ou falar alguma coisa, ainda que tentasse. Ela representa os milhares de brasileiros que se entregam ao álcool para tentar fugir dos problemas, mas que só conseguem aumentá-los, pois são incapazes de alçar voz e pedir socorro, falar o que se pensa e tão pouco são capazes de se levantar, tomar uma atitude, partir para a ação para tornar a vida melhor, mais aprazível e fácil de se viver.

Nessa mesma situação é mostrada a vasilha de pipoca caída ao chão e de ponta cabeça e as crianças devorando os pontinhos brancos espalhados pelo chão. A vasilha pode nos remeter ao mundo daqueles pequenos seres, que estava de ponta cabeça e a pipoca espalhada eram a poucas oportunidades que lhes seriam servidas, caso não fizessem alguma coisa para mudar tal realidade.



Rodrigo, que representava naquele momento a sociedade rica, em contato direto com a miséria se assusta, visto que nem sempre esses dois mundos são colocados frente a frente, como corajosamente fez Bojunga. Tuca, representando o oposto, para se sentir melhor agride o “amigo”, manda-o embora e, no caminho, o empurra na lama, no lixo, para que por um pequeno momento sejam parecidos, tenham o mesmo cheiro.

Esse momento é o ápice da narrativa, o embate entre Rodrigo e Tuca, entre ricos e pobres. Estando Tuca em seu território, se sente no direito de humilhar o outro, de fazer com que sentisse o cheiro da pobreza, que tivesse em suas roupas, em seu corpo as marcas da miséria e, dessa forma, imaginasse que em algum momento o rico sofreria como ele ou até mesmo se igualariam. Porém esse momento de igualdade foi pequeno, pois logo cada um volta para a sua realidade, mas certamente o leitor se humaniza com toda a narrativa, pois vivencia intensamente as grandes diferenças entre as duas realidades.

O capítulo oito é um momento de bonança logo após a tensão do ápice da história. Ainda que não tenha ação por parte das personagens, é um momento de reflexão, pois Rodrigo passa a pensar sobre os últimos acontecimentos e, principalmente, sobre a vida diferente que cada um leva morando na mesma cidade. Como ele próprio relata, "E eu tive que descer aquele morro todinho assim: sem entender mais nada". E continua: "Sem entender por que que aquele mundo de gente não pode viver feito a gente e tem que viver lá na favela do jeito horrível que eles vivem" (BOJUNGA, 2014, p.79).

Bojunga procura sensibilizar seu leitor a acompanhar os pensamentos da personagem, refletindo sobre o próprio meio em que vive e se o leitor, como ser humano, não pode fazer algo para que tal realidade seja diferente.

O capítulo nove começa a sinalizar o desenrolar final da história, mostrando que deve haver o perdão e que todos devem respeitar o espaço um do outro. Rodrigo e Tuca combinam uma pescaria para juntos se divertirem. Tuca se oferece para ensinar Rodrigo a pescar e assim marcam para o sábado.

A pesca é uma atividade que proporciona prazer e diversão para quem gosta; é onde todas as pessoas se tornam iguais, pois estão em um campo neutro e cada um se realiza diante do que é e não diante do que tem. No início da história, Rodrigo ensina as matérias para Tuca, agora este também vai ensiná-lo algo muito interessante, que é pegar peixe. Bojunga mostra, dessa forma, que as coisas não mudam por um passe de mágica, que esses dois mundos continuam a existir, mas que pode haver respeito e aprendizado entre seus partícipes e todos podem ser amigos e conviver em harmonia.



O último capítulo é um bilhete só avisando ao amigo Guilherme e aos leitores que tudo pode acabar bem “com chuva ou sem chuva” (BOJUNGA, 2014, p.85), ou seja “com problemas ou sem problemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto em análise faz parte da fase cinzenta de Lygia Bojunga, momento em que a autora se preocupa com questões de teor destrutivo e desagregador, o que passa a incomodar o leitor e o faz refletir sobre o que acontece ao seu redor, permitindo pensar também sobre a função social da literatura.

Nesse conto, a autora mostra uma situação social, como também aborda, de forma não muito enfática o problema do alcoolismo, do trabalho infantil e da fome, de maneira que é possível sentir as emoções, medos e frustrações de ambos os lados, tanto daqueles que vivem no luxo e nem sempre conhecem a outra realidade, como daqueles que suportam a dor e o sofrimento constantemente.

Bojunga, em suas obras, procura emancipar o olhar do seu leitor, ao permitir que este reflita sobre o que lê e o que vive. Suas obras são repletas de fantasias, tendo como base o universo do real. Os símbolos utilizados no conto nos demonstram isso, pois através de dois simples alimentos foi possível vislumbrar duas realidades tão diferentes e outros elementos que usou para fazer pensar ao que lê.

A literatura é um meio pelo qual os homens se veem conectados, mesmo estando autor e leitor em tempo e espaço diferenciados. O livro se torna um objeto estético que estabelece comunicação entre esses e permite que um reflita sobre o outro, pois o autor, quando escreve, pensa em um público alvo e o leitor dialoga com o primeiro através dos vazios de seu texto e ao preencher esses vazios, preenche também os espaços de sua própria vida, pois ao questionar o mundo ficcional, passa a indagar sobre sua própria existência, refletindo sobre seus valores e da sociedade que o cerca.

O conto “O bife e a pipoca” através de sua narrativa e elementos simbólicos promove a reflexão e ampliação do repertório cultural dos horizontes de expectativas dos seus leitores.



O BIFE E A PIPOCA, IN LYGIA BOJUNGA: OPTION FOR THE EMANCIPATION OF THE READER

Abstract - This article aims to show situations to precher empty text, adopting as a tool Aesthetic Reception of Hans Robert Jauss (2003). So we intend to expose the ways of how the text leads the reader to fill in the gaps in the present work, requiring analysis and reflection by the reader and providing a personal enrichment. Therefore, we selected the short story "The steak and popcorn" that rescues the harsh reality of slum life in contrast to the world of luxury and comfort of the wealthiest people, leading the little reader to reflect on their own reality and the world the fence. The steak and popcorn in this story represent much more than just food, represent the division of social classes and the harsh reality that distance them.

Keywords: Story. Lygia Bojunga. Representation. Reception.

REFERÊNCIA

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

BOJUNGA, Lygia. **Tchau**. 19. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2014.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

_____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. 2. ed. Lisboa: Passagens, Trad. Tereza Cruz, 2003.

LIMA, Luiz Costa (org.). **A Literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SILVA, Andreia Cristina da. Análise semiótica do conto "Tchau" de Lygia Bojunga Nunes. In: Diálogos pertinentes. **Revista Científica de Letras**. Franca, SP, v.4, n.4, p.47-57, jan/dez. 2008.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **A literatura infantil na escola**. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

Recebido em: 20 de maio de 2016.

Aprovado em: 30 de junho de 2016.